

TRABALHO Taxa fica em 6,8% em outubro, contra 6,7% no mês anterior; na comparação com 99, entretanto, houve queda

Desemprego pára de cair, aponta IBGE

ISABEL CLEMENTE
DASUCURSAL DO RIO

A taxa de desemprego das seis regiões metropolitanas do país, que vinha caindo mês após mês desde fevereiro, estabilizou, com ligeira tendência de alta. Segundo dados divulgados ontem pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a taxa de desemprego em outubro ficou em 6,8%, contra 6,7% em setembro.

As comparações com as taxas do ano passado, porém, mostram que a lenta recuperação do mercado de trabalho prossegue. A taxa teve sua quinta queda consecutiva no confronto com igual mês do ano anterior. Em outubro de 1999, o índice de desemprego atingia 7,5% da PEA (População Economicamente Ativa).

A ocupação, em relação a outubro do ano passado, subiu 4,6%, levando a uma redução do número de pessoas em busca de trabalho (-7%), com destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Os especialistas em mercado de trabalho dizem que a estagnação na taxa de desemprego verificada em outubro não preocupa, porque a ocupação segue em alta com melhora também no tempo de procura por emprego.

"A taxa continua bastante alta, mas está quase um ponto percentual abaixo do nível do ano passado. Portanto estamos na metade do caminho para recuperar tudo o que se perdeu da crise asiática para cá", disse o economista Marcelo Neri, da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

A crise asiática, que explodiu no final de 97, aumentando as taxas de juros brasileiras e afetando o país no início de 98, fez a taxa de desemprego do país subir dois pontos percentuais, entrando na casa dos 7% e 8%.

Lauro Ramos, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), explica também que o aquecimento esperado com as vendas de fim de ano começa a mostrar seus efeitos no mercado de trabalho entre novembro e dezembro.

A recuperação do mercado de trabalho continua sendo puxada pelo crescimento da informalidade, embora o IBGE aponte tendência ao equilíbrio entre as contratações sem e com carteira.

Das 766 mil vagas geradas em 12 meses, 291 mil eram contratações sem carteira assinada, enquanto

231 mil eram postos formais (com carteira).

Em São Paulo, segundo o IBGE, a situação do mercado de trabalho piorou um pouco de setembro para outubro porque houve mais gente procurando emprego, apesar de a ocupação ter aumentado. A taxa passou de 6,9% para 7,2%. Subiu também em Salvador e Porto Alegre.

Dieese em alta

De acordo com Lauro Ramos, do Ipea, essa informação não contradiz dados do Dieese que apontam justamente a melhora do mercado de trabalho paulista. O Dieese, além de usar outra metodologia, divulga médias trimestrais. Portanto o resultado de outubro revela o que aconteceu de julho para cá.

De setembro para outubro, a taxa caiu em Recife (8,1% para 7,7%) e em Belo Horizonte (de 7,3% para 6,9%). No Rio, manteve-se estável em 4,7%, a mais baixa das seis regiões.

Comércio é destaque

Por setor de atividade, o comércio se destaca com o melhor ritmo de crescimento da ocupação —5,4% de janeiro a outubro, contra igual período de 1999. Em segundo lugar aparece o setor de serviços (4,3%), seguido pelo industrial (3,8%).

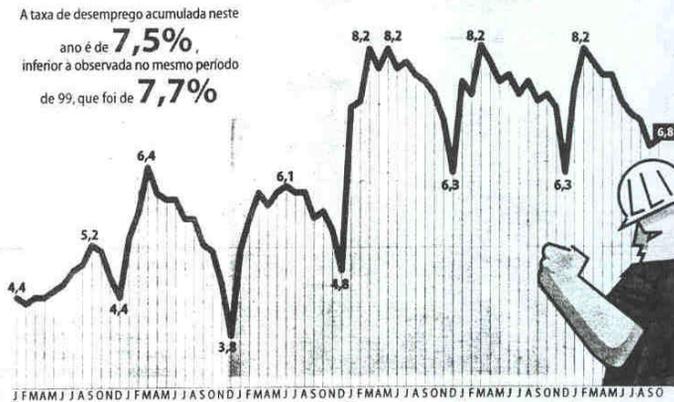
O ótimo desempenho do comércio tem por trás uma base de comparação fraca devido ao fato de o setor ter sofrido mais com as altas taxas de juros que vigoraram até este ano, quando o Banco Central deu início a uma redução mais consistente das taxas, segundo a consultora do IBGE Shyriene Ramos de Souza.

De outubro do ano passado para outubro, a ocupação teve uma alta significativa em comércio (8,4%), seguida pela indústria (4,7%) e serviços (4,5%).

A consultora do IBGE lembra que este ano foram geradas muitas vagas na construção civil e em serviços por causa das eleições municipais. Mesmo assim, a taxa média de desemprego no ano não deverá ficar muito melhor do que a verificada no ano passado. A média dos dez primeiros meses do ano está em 7,5% (o mesmo número foi verificado nos nove primeiros meses de 2000), segundo o instituto, contra 7,7% do mesmo período do ano passado.

DESEMPREGO NO PAÍS PÁRA DE CAIR

Varição mensal em % da PEA (População Economicamente Ativa)



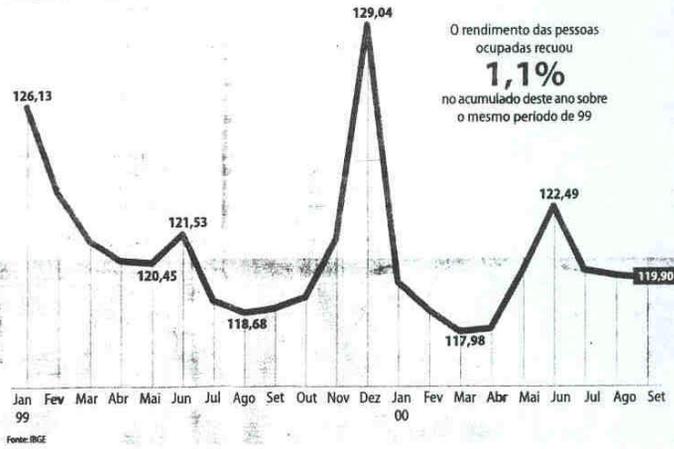
Salvador lidera desemprego

Resultado nas seis regiões metropolitanas pesquisadas, em %



Renda do trabalhador fica estável em setembro

Base: julho/94 = 100



Renda ainda cai, mas em ritmo menor

DASUCURSAL DO RIO

A renda do trabalhador brasileiro ainda está menor do que a verificada no ano passado, mas o ritmo das perdas está se enfraquecendo, segundo a pesquisa mensal de emprego do IBGE relativa a outubro.

De janeiro a setembro (último dado disponível), a renda do trabalhador caiu 1%, mas de setembro para setembro houve um aumento na mesma proporção.

Isso mostra, segundo o pesquisador Marcelo Neri, da FGV, a tendência de melhora nos rendimentos pagos em média nas seis regiões metropolitanas.

De agosto para setembro não houve variação significativa na média das seis regiões porque, apesar de quatro delas terem apresentado melhora, São Paulo registrou uma baixa de 1,2% nos rendimentos pagos pelos empregadores.

A consultora do IBGE para desemprego, Shyriene Ramos de Souza, lembra que a renda é o último indicador do mercado de trabalho a reagir num momento de aquecimento econômico. "Enquanto a oferta de mão-de-obra estiver maior que a demanda, haverá um excedente do mercado impedindo o aumento da renda."

Marcelo Neri diz ainda que um dos itens que mostram a mudança positiva no mercado de trabalho é a redução do tempo que um desempregado leva para arrumar nova ocupação.

Em outubro, a média foi de 21,4 semanas, que está longe de ser o melhor resultado do ano —em março, era de 18,9 semanas—, mas que é melhor que as 24 semanas de outubro de 99. A comparação com setembro mostra que o prazo aumentou (20,5 semanas).

Entenda a diferença entre as pesquisas

DA REPORTAGEM LOCAL

Por que a taxa de desemprego medida pelo IBGE subiu de 6,9% para 7,2% em outubro em São Paulo e a do Dieese/Seade caiu de 17,3% para 16,3% no mesmo mês?

As disparidades entre as taxas dos institutos de pesquisa resultam de diferenças na abrangência geográfica e na metodologia.

A Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, que apura a taxa de desemprego em seis regiões metropolitanas, mede apenas o desemprego aberto (pessoa que trabalhava, foi demitida ou se demitiu, procura emprego e não acha).

O IBGE inclui na PEA (População Economicamente Ativa) pes-

soas com 15 anos ou mais.

Para classificar uma pessoa como desempregada, o IBGE pergunta se ela procurou emprego nos últimos sete dias.

O Dieese/Seade inclui na PEA as pessoas com 10 anos ou mais, desde que tenham ou procuraram emprego. Pergunta se a pessoa procurou emprego nos últimos 30 dias.

O Dieese/Seade mede também o "desemprego oculto por desalento" (pessoa procurou emprego nos últimos 12 meses, mas desanimou nos últimos 30 dias) e o "desemprego oculto por trabalho precário" (pessoa exerce apenas um trabalho eventual, o chamado "bico", nos últimos 30 dias).